



da comissão nomeada pelo governo português para estatuir as bases de sua uniformização e simplificação. É um mistifório de que não se percebe a patavina. Escreve «editor», graphia contraria a todas as leis da linguagem, quando antes tinha escripto simplesmente «satisfação», «exagerar», etc. Depois há lá um engraçadíssimo «Regeitado» que está á espera de que o padre o «rejeite» para sempre do seu cabedal philologico, pois que é um bastardo que lhe emporcalha a alvissima erudição grammatical.

Vejam a syntaxe. O padre apunhala-a impiedosamente. «*deparamos com a chave do enigma*» — é solecismo tão grosseiro que Cándido de Figueiredo não permite ao seu sapateiro. Não é só este.

Ha esta belleza radiante: «...os cinco cidadãos se julgaram incompetentes para *entrarem*». O reverendo não sabe como se flexionam os infinitos, apesar de sua extraordinaria sapiencia em materia de portuguez. Nem mesmo o velho Soares Barbosa, com as suas theorias estravagantes e obsoletas sobre o infinito pessoal, sancionaria esta cincada que clama dolorosamente contra os rudimentos de nossa lingua.

Ha muitos outros ainda. Mas, para que não digam que somos caturras, passamos adiante e vamos parar, assombrados, ante este refulgente periodo dum portuguez castigo:

«*Quem te manda sapateiro tocar rabeado, se lhes não sabes pôr a mão?*»

A phrase é engraçada, não ha duvida, e revela uma grande verdade de que se deve aproveitar o Reverendo. Antes de tudo ha, naquella periodo, um vocativo que sempre se colloca entre virgulas. O padre tem, porém, horror aos signaes syntacticos. Mas aquelle *rabeado* que *lhes* não sabes pôr a mão, apenas demonstra uma ignorancia crassa das leis mais corriqueiras da grammatica...

O Reverendo, tudo conspira contra ti. E temos pena. Naquillo em que te arvoraste «duca, maestro e signore» és de uma incompetencia clamorosa.

Não pretendemos abusar de tua triste e ingrata posição. Mesmo porque a nossa polemica não comporta a grammatique chula. Quizemos apenas demonstrar-te que não te podes arrojar mestre em materia em que claudicas tão estupidamente.

A nossa polemica é religiosa. Nós te supplicamos, em nome dos proprios ensinamentos da tua egreja, que a accetes. Se não quizeses accetá-la, ficará sabendo o escol intellectual de Baurd que fugiste vergonhosamente, temendo o ridiculo que te acarretaria a derrota inevitavel.

Proseguiremos, no proximo numero, a sustentar as theses que foram propostas pelos nossos companheiros.

*Doze da Luz*

**Civilização christã**

Refere o dr. Hutton que, entre os esquemas do Labrador, não ha crime serio, nem prisão, nem policia. O povo é bom, corajoso, abnegado. Quando se declara um mal, geralmente por causa do contacto com christãos europeus, os esquemas parecem capazes de o extinguir rapidamente.

Assim a embriaguez fez-se notar em 1907. Varios esquemas foram alcoolizados por christãos que tinham estabelecido correjarias e distillarias. O decano do povo convocou uma assembleia, onde se decidiu supprimir o mau habito novo. E as lojas de bebidas e as bebidas foram interditas pelo proprio povo, desaparecendo o alcoolismo.

O que a solidariedade, o communismo, primitivo embora, dos esquemas alcançou, não é obtido por outras populações. Em Xangai e Hongkong, os negociantes europeus nunca empregam chinezes convertidos ao christianismo. Antigamente, a instancia dos missionarios, elles davam occupação a esses convertidos, mas tantas vezes tiveram que se arropender que hoje já não querem saber delles. Em quanto ordinariamente os chinezes são verídicos, fieis e bons trabalhadores, os convertidos são muito pelo contrario mentirosos, ladrões e deslealdades.

Estão «*esclarecidos pelo christianismo*».

Assim o testemunho o viajante allemão C. — F. Strauss, numa carta que escreveu ao *Truth Seeker*,



**Apreensões de armas**— O ex-rei na Galiza— Aquilo ainda mexe? — Uma fita muito vista — Sebastianismo para durar — As varias especies de rialistas: ingenuos, retardatarios e exploradores — Uma campanha de descrédito e de calunias — Desiluzões, descontentamentos e irritações — As forças vivas contra o retrocesso — Ecos do Brasil — Os que ainda ousam falar em nome da monarchia! — Onde se pede á gente limpa que tape o nariz.

LISBOA, 19 DE MAIO

Na Galiza tem sido feitas, pelas autoridades, sob o acicate de denunciante particulares, algumas apreensões de armamento destinado aos monarchistas portuguezes; e, segundo referem gazetas galegas e portuguezas, esteve ali recentemente, frequentando igrejas e cinematographos, dando entrevistas secretas e assistindo a misteriosos conciliabulos aquele pobre diabo de ex-reizete, que arrasta pelas doçuras de um exílio regalado e tranqullo a sua manúricce, o seu beaterio e a sua nulidade.

O caso não desperta para estes lados uma sensação apreciavel. Lê-se a noticia, acolhem-se os ombros aforam sorrisos aos labios, e uma ou outra voz pergunta:

— Aquilo ainda mexe?  
— Graças ao favor da Espanha! comenta outro leitor de *placards*, com irritação.

A fita dos conspiradores é já velha e monótona, e os espectadores, fatigados, começam a bocejar de enfado.

Mas é possível que a tenhamos indefinidamente no programa, porque todos os sebastianismos são tenazes, e apesar das deserções, desenganos e desastres do caminho, sempre lhe resta um núcleo de fiéis caturras, de *snobs* e de incompreensivos, de despeitados e de repellidos, cuja esperança unica reside no regresso do passado.

E' incontestavel a existencia de um crescido numero de pessoas que imaginam dever o mundo continuar indefinidamente no jogo pueril das lutas politicas exclusivamente destinadas ás mudanças de governos e formas de governar, e não vêem que os homens, com o proletariado revolucionario á frente, se compenetraram cada vez mais da ideia de uma necessaria transformação da substancia, da organização íntima da sociedade, com caracter essencialmente económico. E não suspeitam que em breve, entre os elementos capazes de uma acção decisiva, susceptiveis de imprimir uma direcção politica ou social, quem firia da restauração de um rei a «salvação» de um povo ou quiser levantar entusiasmos em favor duma troca de rótulo politico, toda de superficie, será curiosamente olhado como um retardatario ou um monstro, digno de museu ou de feira de variedades.

Creio, porém, que, se é esse o elemento ingenuo, exploravel, da aventura contra-revolucionaria, os que a dirigem e lhe dão vida são de outra especie: os interessados, os despojalos, os politicos «queimados» e fora de uso para o novo regime, os clericais. E esta gente, não constituindo grave perigo *militar*, directo, para a Republica, nem por esse lado causando inquietações, não deixa de prejudicar e incomodar com a sua apparencia de movimento e a sua campanha de descrédito.

Campanha, aliás, facil e cómoda, como as de todos os partidos politicos uns contra os outros, consistindo essencialmente em denegrir na opposição o que praticam no governo.

Proclamada a Republica, os republicanos e adherentes foran-se agrupando por afinidades e simpatias pessoais, por interesses e por principios, toram-se dividindo por diversidade de interesses e de opiniões, por despeitos e antipatias. Vieram as apaixonadas lutas de facções, as desiluzões

dos que esperavam de um governo o que elle não pode dar, os descontentamentos legítimos de agravados, as irritações dos que creem na possibilidade de

serem por um governo harmonizados e simultaneamente satisfeitos os interesses antagonicos que hoje separam os individuos, as classes e as regiões.

Mas essas desiluzões, descontentamentos e irritações não são contra a Republica em favor da Monarchia, nem desse estado inevitavel de coisas e de espiritos podem os monarchistas tirar seguras esperanças.

Os operarios, que teem razão de queixa e francamente as exprimem, não querem sequer ouvir falar da velha megera falecida. Uns, a maioria, consideram o regime republicano mais progressivo, mais capaz de reformas sociais, mais preso a compromissos e promessas; e viram bem o que valia o antigo. Os outros conhecem a necessidade da desilusão democratica de longos anos, para que o povo se entregue aos seus reais interesses, á obra da organização e de educação interior, á conquista das suas reivindicaciones economicas e sociais, e sabem que a restauração demoraria e entorpeceria essa evolução, causando uma perda consideravel de tempo e de energias em novas e reacesas lutas politicas. E todos calculam que a monarchia, com a qual naturalmente só ficaram os elementos mais retrógrados e clericais, procuraria com todas as suas forças dar caça e combate a todas as especies de revolucionarios, para segurança sua e repouso dos conservadores.

As outras classes lamentam, é certo, como os operarios, a vida cara, que é um fenómeno universal, e queixam-se de crises e dificuldades, que são coisas velhas, ligeiramente agravadas pelos abalos politicos; mas, se muitas vezes erram em attribuir aos governos o poder de dar remédio a esses males, não se esquecem do que foi a monarchia, da sua pelo menos igual impotencia, e esperam vantagens do regime democratico ou temem pelo menos a contra-revolução, com as suas consequências e contra-golpes fatais.

Os interessados na opposição monarchica não querem ou não podem ver isso, naturalmente. E então, sobretudo de longe, lançam mão de todos os argumentos. Pequenos factos quasi despercebidos aqui são engrandecidos com as mais descaradas e assombrosas hipérboles. A's vezes são inteiramente inventados pelas agencias ou pelos aventureiros exploradores de papalvos. São cuidadosamente aproveitadas as rivalidades entre republicanos, pela cubia do mundo, e as criticas, justas ou injustas, imparciais ou sectarias, á obra da Republica e á acção dos seus dirigentes.

Quem não soubesse, julgaria que a monarchia foi o poderia vir a ser um regime de moralidade e de justiça, indigno das mesmas criticas e censuras e capaz de fazer a felicidade do povo!

Pelos jornais que do Brasil alguns amigos me remetem, vejo que a campanha assume a maior intensidade nesse país. Aventureiros politicos desqualificados, completamente desacreditados e odiados em Portugal, alimentam os seus rancores e despeitos com invriveis patranhas, inventando, caluniando, embrulhando, deturpando factos e ideias, e certos jornais brasileiros, *republicanos*, dão o lugar de honra, as primeiras colunas — não a *seção livre* — a esse esvumar obscuro de pus e de imundicias, de fedor tam grato ás narinas das pesadas cavalgadas com comenda.

Ora em questões de liberdade e de hygiene todos os povos são solidarios, não ha fronteiras; e por isso não será mau que os revolucionarios de todas as classes, os anticlericais e os verdadeiros republicanos, portuguezes e brasileiros, comecem a mostrar o seu desgosto e a sua náusea ante a indecente campanha.

Neno Vasco.



**Da Roma Brasileira**

**Um padre malcreado!**

Os partidarios, ou melhor, as partidarias do ultramontanismo nesta cidade imaginavam que o movimento de reacção contra o jesuitismo estava completamente morto na «Roma Brasileira» e que não tinham medrado as sementes espalhadas por um grupo destemido de moços patriotas.

Ninguém nega que por motivos supervenientes a luta havia perdido o ardor com que se iniciara e os amigos da liberdade, embora sempre convencidos da grandeza do seu ideal, procuravam manter-se em uma attitude de reserva, que os jesuitas receberam como um toque de debandada.

Enganaram-se. Para solidificar o terreno e para provar a completa escravização do povo ytuano, mandaram buscar, para falar durante o mez de Maria, o celeberrimo padre Rossi, um atrabiliario que se inspira em opportunas libações para achar o que dizer «á pobre besta», que é o povo ytuano, segundo a opinião dos revmos. padres da Companhia de Jesus.

Esta feita a sagacidade dos decantados filhos de Ignacio de Loyola não esteve na altura da reputação que os rodeia desde que se constituíram em seita para explorar a humanidade.

O rev. padre Rossi veio acirrar odios nesta cidade e a attitude nobilissima assumida pela imprensa independente local é a prova evidente de que a opinião publica se revoltou e foi pedir, ou antes, exigir que os dois jornaes que a representam protestassem contra as mentiras exploradoras com que aquelle reverendo procurava sustentar as suas absurdas theorias.

E não é a primeira vez que esse padre «terrorista» implanta a discordia no seio da sociedade ytuana.

Todas as agremiações de salteadores têm o seu representante e o tal padre não é homem que se despreze para essas empreitadas.

Homem ignorante e incapaz de sustentar uma polemica ou discussão com quem quer que seja, serve somente para amoldoçar pestes onde elles possam, porventura, surgir inesperadamente.

Foi o que aconteceu em Ytú. Tivemos a satisfação de ver até catholicos fervorosos fugirem do reverendo como quem devia de um atalhalador de reputações.

O templo esvasiou-se e a policia foi avisada de que o povo indignado ia vaiair um padre mal educado.

Consequencia logica: a semente frutificou e o padre não mais appareceu no pulpito.

Para mais tarde, coisas interessantes.

Savonarola.

Ytú, 11 — 6 — 912.



**ALTO LA'!**

A proposito da tragedia desencadada em Paris no mez passado cujo desfecho foi a destruição da quadrilha chefiada por Bonnot, dois individuos que acodem, um ao nome de Thomaz Lopes e o outro ao de Paul André, vomitam pelas columnas do *Correo* contra os revolucionarios libertarios, isto é, contra todos aquelles que sonham com uma sociedade melhor, contra aquelles que têm a coragem de levantar a voz contra os desmandos vergonhosos da época presente, a raiva mal contida que não esperava senão uma occasião azada para manifestar-se numa explosão de odio jesuitico acompanhado de hymnos á outra malta muito mais numerosa e sanguinaria do que a que acabava de ser aniquilada pelas balas e pelas dynamites legais.

«Não deveriamos perder tempo em chichotear a canigalha vadia que ladra procurando atingir-nos os calcanhares e que a um simples gesto nosso deita a correr, rabo entre as pernas e orelha baixa, com medo que lhes quebre-mos uma pata, lhes desarticulemos as mandíbulas ou lhes achtemos o «bicho» com um pontapé bem applicado.

Porém ha occasiões em que é preciso usar de energia com estes cães vagabundos e dar-lhes caça, porque muitas vezes as suas dentadas são funestas.

Querem estes animaes a todo transe que Bonnot e os seus comparsas sejam anarchistas, como se assassinos de pequenos assalariados, embora audazes e corajosos, pudessem ser tidos como taes.

E' inverter os papéis, porque isto de assassinos e ladrões é causa commum na classe a que elles pertencem. Para provar o que dizemos, basta abrir qualquer jornal, o assalto á bolsa alheia, á grande, é practicado da maneira a mais artistica pela canalha doumada, sendo a forma, por exemplo, a mais caracteristica os famosos *trucks*, verdadeiras associações de malfiteiros.

Ha entretanto uma attenuante a favor dos salteadores parisienses: é que elles tinham a coragem de assumir a responsabilidade e correr os riscos dos seus actos, enquanto que o burguez republicano ou monarchista, christão ou circumciso serve-se, a maior parte das vezes, do braço do proletario ignorante e inconsciente para executar os seus crimes, raramente expondo-se pessoalmente ás consequências do acto que planeja.

Haverá prova mais flagrante do que avançamos do que a actual guerra italo-turca? Quem não sabe que este vergonhoso acto de banditismo é obra de mais duzia de industrias e banqueiros cosmopolitas? Quem ignora que o chefe da Igreja Catholica a approva abertamente? Bonnot e os seus comparsas terão praticado a millionesima parte das atrocidades que os agaloados italianos têm semeado na Tripolitania?

Mascaras abaixo, sinistros hypocritas!

«E' a morte do anarchismo, exclama um dos jesuitas entre dois arrotos azedos de uma difficil digestão.

«A França importou (sic) o anarchismo e desenvolveu-o; agora desmoraliza-o e joga-o ao monturo das coisas inúteis. — Bello gesto!»

Não ha duvida, está morto o anarchismo!

Pobres insensatos, o odio vos faz perder a razão...

Terminemos por hoje citando um trecho do artigo em que Pierre Martin, no *Libertaire*, vergasta a hypocrisia burgueza:

«Porém assim procedendo, estes bandidos não se assemelham com os heroes dos campos de batalha? Não têm elles uma mentalidade identica á destes guerreiros que matam pela gloria, sem esquecerem a gloria de encher os bolsos e de abarrotar as malas com o producto do saque tomado ao inimigo? Não se conhece a historia da campanha da China em 1860, onde o general Cousim de Montanban, nomeado conde de Polikao por este alto feito que tem o nome de: a pilhagem do palacio de Estio? Para pilhar todas as riquezas artisticas e religiosas accumuladas na residencia imperial foi preciso marchar sobre os cadavres de pobres chinezes que se fizeram matar para defender thesouros que não lhes pertenciam. A presa foi partilhada segundo a importancia dos galões.

Mas não temos necessidade de voltar a um passado já afastado; não vimos em 1901, por occasião do regresso dos aliados que acabavam de combater os poucos temiveis Boxers, officiaes francezes virem com as malas cheias e pesadas caixas atopetadas de objectos preciosos subtrahidos sob ameaça ou furtados depois do assassinato? O escandalo foi de tal ordem que se mandou (o governo) que os *colis* voltassem para a China.

Não é verdade?»

Que dizeis a isto, ó jesuitas?

Não, não pactuamos com o roubo, razão por que combatemos todos os ladrões, mormente os de alto coturdo, estes assassinos de crianças, mulheres e operarios que nos fundos dos ergastulos do capitalismo trabalham e morrem exhaustos para sustentar o luxo afrontoso e a libertinagem dos vagabundos de casaca da Avenida, dos boulevards de Paris e Bruscellas, de Regent Street ou das roietas de Montecarlo.

Morto o nosso ideal!

Insensatos que quereis com gritos de ganso fazer estucar a marcha da Revolução Triumphante! Já é tarde!

Paulo Jurema.  
Rio, 2 de junho de 1912.

NO RIO

**O propheta Julio Maria refutado**

Teve brilhante successo a primeira conferencia promovida pela Liga Anticlerical do Rio e realizada pelo compaunheiro Carlos Dias em refutação ao propheta Julio Maria.

Essa conferencia realizou-se no sabbado passado, no salão do Gremio Republicano Portuguez, perante grande concorrência.

Representando a Liga Anticlerical, fizeram parte da mesa os srs. dr. Coelho Lisboa, Carlos Augusto de Lacerda e João Leuenroth.

«*Origens das religões e o valor da Sciencia*» — foi o thema que o nosso amigo Carlos Dias desenvolveu com competencia, deixando uma excellente impressão em numerosa assistencia, que não lhe poupou os seus calorosos applausos.

O nosso correspondente teve promessa de Carlos Dias de nos remetter a sua conferencia para ser integralmente publicada na *Lanterna*, razão pela qual não nos enviou o seu resumo.

Hoje á noite, no mesmo local, realizar-se-á a segunda conferencia, que se submeterá ao thema: «*Christo, sua philosophia e as varias correntes a seu respeito*».

Estamos certos que D. Julio não imitará o seu collega de Baurd, fugindo corajosamente á discussão...

Seria um procedimento pouco digno da boa fama de um propheta da sua nomeada.



S. S. G.

**No mundo da Lua**

Amigo sr. redactor.

Com immensa satisfação venho agradecer-vos a gentileza do acolhimento dado ao meu humilde artigozinho que, colmado pela protecção do vosso conceituado jornal, mereceu entrar na Cathedral, para ser corrigido em parte, pelo excellentissimo director da companhia.

Acha elle que, nos theatros modernos, não se deve cobrar entrada na porta, para não dar que falar a esses bacharelinhos, que, segundo a phrase do dr. nome de bicho, não sabem ainda que a religião está acima da sciencia...

E' mais justo, mais delicado mesmo, que uma bolsa de seda ou uma salva de prata, conduzida por gentilissima mozinha, receba generosamente, nos camarotes e na plateia, os... ingressos.

O nosso illustre galã ingenuo está satisfeittissimo com a apologia feita ao seu papel da ultima exhibição... gostou muito do assumpto, tanto que aconselhou as ovelhas a que deviam ler a *Lanterna*, uma vez que elle e os seus santos inquisidores da consciencia popular lê-m-a todas as semanas, por amor ao livre pensamento.

Servinda de premio o que digo acima, vou falar de um assumpto, inter-muros, que ninguém sabe...

Ouvi o que digo baixinho, e guardae segredo, porque eu pertencço á á santissima casa e, se dou á taramela, a porta abre-se e cáio no olho da rua...

Acanho-me em dizer-vos, mas... como a época é de confissões, vou confiar-vos meu fraco: sou tomme-mulo, e muitas vezes sinto-me transportado a mundos desconhecidos e vejo cozinhas...

Ha dias, achei-me no mundo da lua, gosando dum excellentissimo passeio, pelas ruas de uma cidade bem direitinha, que, se eu estivesse na terra, julgá-la-ia uma Pelotas...

Depois de muito vagar, detive-me no angulo de uma rua, onde se vê um bello edificio, com muitas janelas, que vai terminar num declive, confinando com o muro de uma chácara; do outro lado, liga-se a um velho asylo de aspecto ruinoso, com paredes grossas, grades na frente, a um sino de bronze encimando o fundo de um arco que se vê da rua pelo lado onde o sol se perde no occaso, lá na terra...

Como sou um crente, não pude furtar-me ao dever de satisfazer a minha fé, e entret... Não vi porteiros, mas foi seguindo, até que se me deparou um bellissimo quadro, que jámais Raphael pintou igual!

Um ministro do deus anthropomorfico, reclinado sobre uma commoda cadeira, passava Dulcinéia em pensamento, a bom dormir...

Ao seu lado, linda como todas as irmãs de Maria... uma frainhina mi-mosa fazia-lhe opeças na face com um raminho identico ao que reverdecou nas mãos de José... O monstro dormia e fazia segretas

ao anjo, que gentilmente o acariciava... Pequei, por pensamentos... Pela primeira vez na vida, eu tive... tive desejos de ser padre, e principalmente lá na minha terra, onde se briga por amor... a santa religião...

Fui indiscreto, e arrependo-me de estar dizendo isto, porque estas coisas divinas devem ser vistas e emitidas, mas nunca propaladas por palavras profanas...

Voltei; e perdi-me num vasto salão, lindíssimo, onde a arte mostrava estar ao cuidado de pessoa zelosa, e de talento mesmo, pois que se viam ali trabalhos: em cera, tão perfeitos que, em fructas, enganavam a própria natureza, e eu perguntava a mim mesmo: será possível que uma moça, cheia de vida e que sente pulsar no peito um coração, que pede amor, seja aqui um monstro, podendo ser mulher educadora?

Passai assim muito tempo nesse museu ceroplastico, entregue a um extasi de admiração pela arte, pelo bello, sem já lembrar-me que estava no mundo da lua... quando vejo a meu lado, mettida nos seus tamanquinhos, a joven freirinha seductora, cujos olhos denunciavam a malícia de todos os conventos.

Não detive o meu impeto de total-a-e, tomando-a pela mão, fitando-a face a face, comprehendendo que os padres têm razão em se não casarem...

— Disse-me, flor mimosa dos jardins do clero: quem colhe estas fructas? — São de cera. — Ah... Sim, tens razão... Aquelle quadro original que eu vi na sala contigua, era também?

— Plastico, senhor... — Bellissimo... Mas, disse-me: onde está a deusa que dirige estes trabalhos? — Guarda o leitão. — Doente?... Poderes vel-a?

— Impossivel, pois está ao cuidado de habéis medicos, que vieram do planeta Marte para a operação que é melindrosa... e só elles e Deus o sabem... — Trata-se... — Não de um mal, mas de um phenomeno providencial de alta honra para as irmãs que nos cercam...

— Felicitos-vos... — A irmãs... habilitadas, como vê, nos seus labores, tomou uma particular imperceptivel de cera virgem, e concentrou nella uma sensação de amor... amor puro... amor divino...

Pensou, com desejo ardente, vêr ante seus olhos o seu pequenissimo, uma imagem viva de um menino como Jesus... e o viu. Era tão delicado que não havia um lugar onde collocar-o sem perigo de... profanação. Um dia, depois de muitos receios, appareceu-lhe uma visão que a induz a aceitar o pequenino envolto em uma pellicula de caucho e, desde então, ella entregou-se, confiante, ao ser amado...

Apertava-o junto aos seios para ensinal-o a ouvir, offegante, o palpitar do coração, e beijava-o a cada instante... Ha ali... meses, coitadinha, começou a ter vomitos, tonturas... e, vai verificar-se, tinha sido trahida pelo caucho que, num dos seus beijos santos, deixara, envolto na saliva, chegar até ao estomago. E o pequenissimo, que por um mysterio biologico, que a religião sabe, e a sciencia não conhece, começou a crescer... Os medicos aqui da lua deram muitos emeticos-ergotinicos, mas nada produziu o milagre, porque Deus tinha destinado essa graça aos marianos...

São habéis, e diz-se que estão seguidamente praticando esses exercicios... — Sim... Lá, a sciencia está quasi tão adiantada como a religião. — Sim?... — E' verdade, pois chegaram os marianos e, apenas com um simples fórceps, pozeram a irmãs... livre de todo o perigo...

Que nome deram á molestia?... Nada transpirou, porque nos serviços aqui da casa elles observam rigorosamente o segredo profissional... Estou quasi a fazer um passeio ao planeta Marte. — Precisa dos seus serviços, Forceps?... — Livra, irmãs... Aprecio as intelligencias e a sciencia religiosa... — Pensa muito bem. — E, como vai a irmã?... Perfeitamente, está criando, por obra e graça do espirito santo... — Não percebo nada. — Na noite, após a operação, a irmãs... sentiu-se febril e começou num delirio piedoso; apontava os céos, e nos mostrava um anjo que conduzia um innocente, sem mãe, que achava abandonado, a morrer de fome, num campo deserto... — Generoso anjo... — Reunimos todas as irmãs e, em torno da irmã, oremos a Deus, para que no seu divino poder permittisse que a arvore lactes do seio casto da doente produzisse a seiva maternal... e a voz de Deus se fez ouvir pelo choro da criança, bem juntinho á nossa porta... — Como tois caridosas... — Corremos pressurosas ao encontro do mimo celeste, e com a reverencia digna da subleme graça, pozémos a innocencia a tentar, no pomo da pureza, o alimento pedido em nossas preces, e a criança no seio virgem amamentou-se...

Milagre... milagre... Este suplantou ao que o Papa fez lá na terra, abrindo... os olhos da irmã cega... — Grande graça, senhor... — E uma honra immensa para a familia dos lunaticos, da vossa religião. — Acha que sim?... — Ninguém será capaz de negar-o, e confesso-te, mimosa flor dos jardins da clericanilha, que se não fosse por tentares o voto casto, eu já mais despartaria na terra para estar sempre na lua, junto a ti... — Não parece a esperanças... eu em breve descerá ao teu planeta e nos encontraremos pelas serranias do sayto de mendigos. Compreendes?

Um Popular. Pelotas, maio de 1911.

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

Hoje realizar-se-á um comicio na Lapa e amanhã em no Bexiga e outro na Mooca.

De escassez, de privações, de misérias até é actualmente a vida do povo. Embora trabalhemos da manhã á noite, apesar de nos esfalarmos na officina, nas obras no commercio, despendendo enormes, sobrehumanos esforços, não conseguimos diminuir a nossa angustia, nuvisar um pouco as condições de nosso lar, transformado agora em um ambiente de penuria.

E' insustentavel, é actualmente desesperadora a vida do pobre. Somos obrigados a restringir ao minimo a satisfação das necessidades as mais primordias da vida.

Treme toda e gente ante a apavorante perspectiva da negra miséria que já vem proxima.

Quem não se encontra nesta situação? Só uma pequena minoria: os abastados capitalistas e os bem aquinhoados dos cofres publicos.

O povo, a grande massa dos que vivem do trabalho encontra-se em condições desesperadora com o crescente encarecimento dos generos de primeira necessidade e com o exorbitante augmento dos alugueis de casa, que já nos absorvem dois terços do que ganhamos.

Esta situação não pôde, não deve perdurar por mais tempo. E para conseguirmos romper o asphyxiante circulo de ferro que nos emmagre precisamos agir, protestar, fazermos ouvir o nosso brado de alarme.

Não esperemos mais. Basta!

Hoje, ás 7 horas da noite, terá lugar um comicio no salão Leão do bairro da Lapa.

Na Mooca haverá um outro comicio amanhã, domingo, ás 9 horas da manhã, no Cinema S. João, sito á rua da Mooca, 436.

Na Bexiga também haverá um comicio ás 9 horas da manhã, na rua S. Domingos, 25.

EM SANTOS

Na vizinha cidade de Santos realizar-se-á amanhã mais um comicio promovido pelo Comité de Agitação Contra a Carestia da Vida.

Novidades de grande monta não ha; em todo o caso, sempre se rosna algo e em voz abafada, pelas esquinas, dizer-se que cousas graves se estão passando nos arraiaes do clericalismo.

Dois escandalos ameaçam explodir, espantar a calma desta cidade do interior, de 40.000 almas peccadoras, e esses escandalos cheiram a incenso e obra de sacristia.

Um é um casamento de um jesuita e outro é a "amigação" de um outro filho de S. Ignacio com uma mulher da vida... facil, sendo que este ultimo não se esconde, nem foge dizel-o. Não ha gravidade, e muito menos novidade nisso tudo; pelo contrario, todo o mundo já conhece esse spectaculo gratuitos, "fitas" sacras que se desenrolam, quotidianamente, aos olhos esbugalhados dos miseris mortaes...

Para Pelotas as fitas são novas, até certo ponto; isso porque o nosso ex-vigario tem prole que traz, muito naturalmente, o seu nome. Esse pelo menos reconhece o que fez e preferiu essa sabida a andar conquistando senhoras casadas, manchando a honra dos lares...

O sr. bispo não vai gozando de muito boa saúde, mas em todo o caso, graças á Protecção Divina em breve gozará saúde, abrindo-se-lhe o corpo aos prazeres da vida, como uma flor em botão que de sabrocha para o amor. S. R. é moço, é bonito: o anulado da barba e dos bigodes esconhoados dá-lhe um ar masculino, varonil e, dahi, certamente, uma certa força na massa do sangue. Parece-nos, além disso, que S. R. é entusiasmado, porque quando fala grita como um tenor de café cantante, gargareja e se espreme. Ora si todo o corpo vibra e como o sangue irriga todos os orgãos, é muito natural que o sangue vá dar vida á orgãos que a igreja pretende matar...

Dahi á fragilidade da materia...

O Mapa tem aqui um seminario, onde é elogiado por todos os superlativos do engrasamento que a lingua portuguesa encerra... E' até chamado de santo e "respetabilissimo" (uffa!)... Esse jornal chama-se A Palaera e todos os sabbados é entregue, por um garoto, á noite... Ali vêm escriptos os maiores desaforos e no numero, creio que do dia 13, vinha uma verrina contra o casamento civil! Já não admira, pois, mesmo nos pulpitos, os jesuitas teem dito horrores dos que não casam pela igreja.

Como gozam da fama e aberta protecção do partido republicano do dr. Borges de Medeiros, elles dizem, impunemente, esses ataques ás instituições civis e, meia duzia de homens letrados applaudem, estupefactos, a sciencia delles.

Qualquer "viuva" (assim são chamados, aqui) que appareça, sabendo resolver um theorema de geometria e repetir a distancia que vai da terra ao sol, é logo todo e havido por "sabio", todos admiram o "profundo saber", o "homem de peso", que "sabe onde tem o nariz... etc... etc...

Appareceu o Lumen, modesto mas entusiasmado, que se destina a dar guerra definitiva ao clericalismo!...

Está de parabéns, S. R. o bispo e seus "alcoólicos"... (leia-se alcoólicos e não alcoolitos).

Octavio Elleux.

Os clericos nas greves

Na Alemanha, os socios da «União christã dos mineiros» continuaram a trabalhar durante a greve, inutilizando assim os esforços e soffrimentos dos companheiros grevistas, de cuja victoria entretanto tirariam proveito como elles. E depois o presidente da União, infame creatura dos padres, fez fogo contra grevistas, mandando um delles, só porque lhe lançavam em rosto o ascoso do seu procedimento! Mandado christão!

Alem da funesta e deprimente influencia exercida pelas «Unões operarias christãs» sobre as reivindicações justissimas dos trabalhadores, temos a obra ainda mais nefasta do clericalismo, das congregações religiosas na industria, rebaixando a mão de obra, aviltando os salarios, desorganizando a resistencia operaria por vezes. Em varios paizes, as congregações exercem industrias em taes condições que reduzem á miséria os productores. A revolta de Barcelona teve essa causa entre as principaes.

As congregações possuem ainda grande numero de estabelecimentos com firmas ficticias, de que são gerentes mandatarios seus. Assim, são donas de officinas situadas em França, perto da fronteira belga.

Se ali estala uma greve, mandam vir operarios das officinas que os clericos possuem na Belgica. Sendo preciso, os parochos belgas recrutam entre as suas ovelhas mais tosquaveis e innocentes os traidores á classe operaria, os «crumires», os «amarelos», os «fura-greves». No lugar da greve, esses brutos são tratados com carinho e sequestrados, para que sustentem o seu papel repugnante. Seja qual for o valor do seu trabalho, são bem pagos, muito melhor dos que os grevistas: é preciso recompensar a traição. Trata-se de furar a greve. Depois, são despedidos.

E ha quem considere ingenuamente «apostolado» a empresa industrial catholica, sabiamente organizada para explorar, para chupar o sangue das victimas até á ultima gota!

E' uma das mais terriveis forças de conservação e retrocesso. Que os trabalhadores não se esqueçam disso!

Santa burra!

O jornalista argentinista Francisco Gica reparou que as fies não são gratias para com a milagreira e saladora burra de Balaam, mas santa e ajudada de que o amo, e propõe uma subscrição para uma estatua ao referido quadrupede.

La Libre Penseé acha, porém, que a burra falante symbolizava bem o clero surrante, mas o confiante terra como offerta para o sympathico animal, que é antes a imagem do povo iludido, paciente e estorpeado, como illa L'Asino, e explorado pelos padres, ajudamos nós.

O padre adora sobretudo a Santa Burra... bem recheada de ovos.

LEVIANDADE

Num dia em que se achou mais pechorrento, Ou talvez por estar desocupado. Lembrou-se o Padre Eterno, alvorçado. De cuidar d'isto aqui, por um momento.

Mas, de tudo que viu, admirado, Um facto foi o mesmo fabulento: Notou que em toda parte o nascimento Decrescia de um modo desuado!

Quis então remediar esse defeito E mandou que no céo, para o futuro, Só quem tivesse prole — fosse accetito.

Dentry em pouco, porém, arrependido Ficou de sua obra, quando, escuro, Viu o céo de batinas invadido!

Cuyabá. F.

Capital e trabalho

Perversão de sentimentos na classe operaria — Moral baixa — Honra e dignidade infimas — Exaltação do servilismo.

O homem nada mais é do que um producto do meio e das circunstancias em que cresceu. Assim, o filho do mais virtuoso, intelligente e illustrado genio, creado entre malfeitores, sem instrucção, quando fór homem será outro malfeitor. Embora seus paes, de uma moral pura e absolutamente sem jaça, lhe transmittissem no sangue os elementos sufficientes para ser digno emulo delles, o meio suffocará esses elementos, fazendo, ao contrario, crescer e vingar os maus germens que dormitam, embryonariamente, em cada ser humano. Tornar alguem perverso e mau, não custa: bastará crea-lo sem cultura alguma, deixando-se levar pelos proprios sentimentos. Assim, o fim unico da educação é reprimir e soffrear as tendencias más, innatas no homem, e estimular as boas qualidades, fazendo desenvolver-se os sentimentos nobres e generosos.

Onde isso não se fizer, os embryões da perversidade subjugarão os germens bons, e o individuo, não tendo o roteiro da instrucção a apontar-lhe a estrada, — essa bussola-consciencia que subjuge e reduz o homem-besta, o homem-fera, — se despenhará no abysmo lobrego de quem só obedece aos proprios instintos, curvando-se passivamente aos dictames das proprias paixões.

O filho do proletario, como o demonstramos em artigos anteriores, desde tenra idade, — alma pura e innocente, aberta a todas as influencias, — recebe e imbebe e assimila em seu espirito, ainda candido, sómente os germens maus e perniciosos.

Na officina assiste á torpe escravidão do trabalho, ouve improperios e palavras immoraes; na rua, durante o seu percurso, recebe outros ensinamentos maus; em casa então, essa educação viciada recebe o seu remate: vê o pai frequentemente embriagado, entregar-se a actos degradantes, ouve as explosões de odio contra os infames exploradores; e assim por diante.

Póde essa alma candida e pura resistir a tudo isso? Assim crescerá uma criança, sem cultura alguma, entregue sómente aos seus instintos.

Nas suas horas de ocio, buscará a taverna para, entre libações e jogo, esquecer-se da rudeza ferrea do seu captivo, quando não buscar fazel-o no meio da devassidão.

E tudo, desgraçadamente tudo, favorece a perversão e a degenerescencia dos sentimentos: devido ao mínguido salario, é obrigado o operario a morar quasi sempre em um só commodo, com 5, 6 ou mais filhos, de ambos os sexos, quando para sobrecarga não tiver ainda alguns cunhados e irmãos.

E ahi, nessa sordida promiscuidade, encaufados uns quasi por cima dos outros, com os maus ensinamentos de fóra e sem a menor instrucção, crescem essas crianças, entregues a si mesmas.

Milagre! só um milagre, si não se perverteterem!

E clima a sociedade quando um desses factos deprimentes, que enlutam em dor os corações sensiveis, como o são os frequentes attentados de pais contra filhas, de irmãos contra irmãs e outros semelhantes!

E grita ella a plenos bofes: — que satyro! que bandido!

E clama ella, quando regista mais uma tragedia sanguinolenta nas columnas rubras dos seus periodicos!

Ah! sociedade maldita, excessiva, cobre-te de cinzas e cilicios e

bate nos peitos: mea culpa, mea horribile, mea maxim culpa!

Calate, e não clames. (Em vez de berraes, como uma candida vestal ultrajada em seu pudor, corta no seu inicio as causas e cessarão aquelles horribéis effectos!)

Calate, resignada, perante os resultados da tua incuria, do teu desmazelo!

Oh! calate! tu, tu sómente não tens o direito de gritar!

(Continúa) R. (S. Paulo).

Vida operaria

EM S. PAULO

Os graphics — A assembleia geral do União Graphica, realizada no domingo passado no salão da União dos Empregados no Commercio, foi, como as anteriores, bastante concorrida.

Foram eleitas as commissões administrativas e revisora de contas, que ficaram constituídas de operarios dedicados ao movimento associativo e sempre dispostos a trabalhar com afinco pela união da classe.

Tratando-se do movimento da casa Weiszflog, foi deliberado prestar-lhe todo o apoio da União.

A Comissão Administrativa da União marcou para as quartas-feiras as suas reunioes.

Na de quarta-feira ultima foi feita a expedição das formulas da estatística a que a mesma vai proceder e pela qual se ficará sabendo quantas casas graphics existem em S. Paulo, os seus ramos de arte, o numero de operarios e aprendizes que empregam, a média dos salarios, o horario de trabalho, etc.

A mesma commissão está convidando os operarios de cada officina grafica a nomearem o seu delegado á Commissão de Propaganda.

A greve da casa Weiszflog terminou na segunda-feira com um accordo favoravel para os operarios.

O pessoal da casa Artes Graphics declarou-se em greve no dia 11 por não ter sido atendido no pedido feito dias antes á empresa, reclamando um augmento de salario.

E' completa a solidariedade em toda a corporação.

A corporação da typographia Universal, á rua do Theatro, poz-se em greve reclamando a demissão do mestre, com o qual não podiam trabalhar pelos seus modos brutos.

Os tapeceiros — A classe dos tapeceiros voltou ao trabalho, pois já conseguiu estabelecer a jornada de 8 horas em todas as officinas.

Animados com esta victoria, os tapeceiros vão constituir o seu sindicato.

Os pedreiros — A União dos pedreiros realiza mais uma assembleia amanhã, domingo, ás 3 horas da tarde, á rua S. Domingos, 25.

Os sapateiros — O movimento da classe dos trabalhadores em calçado assumiu nesta semana proporções ainda mais largas.

Os patrões, desorientados com a firmeza dos operarios, têm procurado perturba-los com varios e fracos estratagemas, que, porém, não produziram resultado algum.

Por diversas vezes mandaram chamar commissões de operarios e, quando ellas se apresentaram, disseram não terem chamado commissão alguma...

A casa Clark pediu que uma delegação de operarios fosse no sabbado entender-se com a sua gerencia.

Dessa conferencia nada resultou. A gerencia disse aos operarios que lhes concederia a jornada de 8 horas e 1/2 e o augmento de salarios que julgasse justos depois da sua volta ao trabalho. Os operarios responderam que não desistiam do pedido feito.

Convidados, voltaram na segunda-feira, mas o resultado desse novo encontro foi o mesmo do primeiro.

rando a sua franca solidariedade com os operarios de S. Paulo e aconselhando vivamente a boicotagem de todos os productos das fabricas da firma Matarazzo, que não quiz conceder o pedido dos operarios da sua fabrica de tecidos.

EM RIBEIRÃO PRETO

Os pedreiros e serventes e carpinteiros desta localidade reclamaram um augmento de salario, de 500 os primeiros e de 18 os segundos.

Por um boletim que a Liga Operaria distribuiu, annunciava-se que uma boa parte dos patrões e empregados já accedera a esse pedido.

EM SANTOS

A classe da construção civil de Santos commemorou, na noite do 7 do corrente, com uma sessão solenne realizada na sede da Federação Operaria, o quinto anniversario da conquista da jornada de 8 horas. A's 7 horas da noite, perante um consideravel numero de operarios, foi aberta a sessão pelo camarada Miguel Garrido, que, depois de ter pronunciado um breve discurso, concedeu a palavra ao camarada Primitivo Soares. Este fez uma esplendida conferencia, dissertando brilhantemente sobre a redução de horas de trabalho.

Fizeram depois uso da palavra os camaradas Antonio Vieytes e Alexandre La Scala, sendo todos calorosamente applaudidos pelo numeroso auditorio. Encerrou a sessão o companheiro M. Garrido com um vibrante discurso.

O movimento operario desta cidade encontra-se neste momento em plena actividade. Trabalha-se intensamente para conseguir a organização de todas as classes.

Além dos velhos syndicatos dos pedreiros e carpinteiros, foram recentemente fundados os das seguintes classes: pintores, canteiros, carroceiros, trabalhadores do porto e estivadores. Todos estes syndicatos estão reunidos na Federação Operaria Local, que também foi reconstituída.

A classe dos canteiros dali conseguiu, por meio da sua novel organização, estabelecer a jornada de 8 horas de trabalho.

Proseguem activamente os trabalhos para a fundação de uma escola operaria moldada nos principios da Escola Moderna, em beneficio da qual já foi realizado um spectaculo por nós noticiado.

Essa bella obra de educação popular será auxiliada pelas sociedades operarias acima mencionadas.

Inquisição policial

Ainda perdura no espirito do operariado brasileiro a inflame barbaridade commettida pela policia com o operario Francisco Calvo.

Além dos protestos de que já demos noticia, recebemos mais um da Sociedade União Protectora dos Vendedores Ambulantes, do Rio, que, em energicas palavras, estigmatiza essa brutalidade policial.

E' de justiça mencionarmos o nome dos collegas que também levantaram o seu protesto contra o servagismo da jesuitica policia paulista. São os seguintes: *La Batallia, A Capital, La Tribuna Española e La Voz de España.*

A grande imprensa, os jornaes das celeses rotativas esses têm mais do tratar... E com mais proveito...

PELA SOROCABANA

Em viagem de cobrança e de propaganda do nosso jornal, começou a percorrer a linha Sorocabana o nosso companheiro Emilio Reinoso.

Ha já um anno que essa viagem não é feita, razão bastante para que todos os nossos assignantes contribuam promptamente com a importância de suas assignaturas.

Todos sabem que esta folha vive exclusivamente da contribuição dos seus assignantes, que, por isso mesmo, se devem esforçar para andar em dia com os seus pagamentos, da mesma forma que nós emprestamos toda a nossa actividade ao jornal para dar-lhe a divulgação necessaria.

O BELLO ROMANCE

Noli me tangere

Já saiu do prelo em elegante volume de 136 paginas e será posto á venda por estes dias a 18000 o exemplar. Mais 300 réis, pelo correio.

NO RIO

E' representada da Lanterna no Rio o nosso amigo Cealino Villar, que poderá ser encontrado á rua do Brandão, 126. Da cobrança das assignaturas terá o cuidado o amigo Cealino Villar.

